

O gato de Uppsala

*Cristina
Carvalho*

Ilustrações de
Danuta Wojciechowska

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA
Ficção



Introdução – Uma noite...



Apresento-me: sou um pequeno animal que acabou de fazer uma longa viagem. Apareci aqui, nesta cidade de Estocolmo, acabado de chegar duma terra ainda mais a norte. Vim de Uppsala. Cheguei dentro dum cesto de vime transportado aos ombros do meu dono, alfaiate e tecelão, o senhor Elvis, que me trouxe com ele. Com ele veio também a sua mulher, Agnetta, porque ele, depois de ter pensado muito bem na sua vida, chegou à conclusão de que não seria capaz de viver sem nós, sem mim e sem ela, o que eu, pequeno animal, achei muito provável e natural.

Assim, viajei dentro deste cesto pendurado nos seus ombros, e Agnetta sempre perto de Elvis, um pouco atrás da sua figura, como, naquele tempo, devia ser: marido à frente, mulher mais atrás.

Quando aqui chegámos a esta cidade tão grande, sentimo-nos perdidos, pois não conhecíamos ninguém, tudo para nós era estranho, as pessoas, as casas, as ruas, mesmo o azul-claro do céu era para nós uma nova cor, era uma cor sem cor, irreconhecível.

Às vezes, Elvis parava e punha-se a olhar para o alto, inclinava a cabeça em várias direções como que para perceber se estava para norte ou se estava para sul. Mas, naquele céu diferente, era difícil a orientação. É sempre muito difícil a orientação em céus que não conhecemos, pois, embora se afirme e se diga que se pode comprovar, uma coisa é certa: as estrelas não estão sempre no mesmo sítio nem são sempre as mesmas estrelas a acompanhar a vida dos homens.

Agnetta gostava de se sentar numa qualquer margem da ilha em que estavam a viver e ali ficava muito, muito tempo a observar e a pensar sem pensar naquelas centenas de pequenas ilhas que o seu olhar alcançava, a ouvir barulhos desconhecidos que correspondiam a um frenesim de atividade no porto onde as gigantescas embarcações estavam a ser construídas, ou a acabar de ser construídas, entre elas o mais famoso e formoso navio, o *Vasa*.

Foi por ele, pelo navio *Vasa*, que deixaram a sua terra de Uppsala e viajaram a pé para tão longe, viagem esta que durou alguns dias e algumas noites; foi pelo belo navio *Vasa* e por tudo o que ele significa que um dia fecharam a portinhola de madeira da sua casa quentinha, que recomendaram os seus animais de estimação e de cria aos vizinhos; foi pelo desejado navio *Vasa* que enrolaram, cada um, numa trouxa magra, alguns pertences e uma pouca de roupa; foi pelo grande sonho de ver um grande navio, um lindo e poderoso navio, qualquer coisa nunca vista que flutua nas águas

– como seria isto possível? –, que permanece na superfície do lago sendo tão e tão pesado, pesado por ser pesado, pesado pelos homens e pelos animais e pela comida e pelas armas e canhões e pelos mastros e velas, pelas inúmeras estátuas que o enfeitam.

«Só se não pudéssemos é que não viríamos, não é, gato?», perguntou Elvis, entortando o pescoço para dentro do cesto que carregava aos ombros e olhando para o gato.

«Sim», respondeu Agnetta em vez do gato. «Não gostava de morrer sem ver o *Vasa*. Já agora...»

Na noite da chegada à cidade de Estocolmo, Elvis e Agnetta dormiram encostados um ao outro debaixo duma espécie de túnel que ligava uns prédios. Era o princípio de agosto. Os dias estavam amenos e calmos, as noites brandas e, por isso mesmo, passar uma ou duas noites sem teto não era nenhum sacrifício.

«Amanhã procuraremos uma estalagem onde ficar», disse Elvis para Agnetta.

Abraçou-a, beijou-a e ambos adormeceram.

O gato, no cesto, miou uma ou duas vezes. Depois, silenciosamente, saltou para o chão e devagar, muito devagar, sempre desconfiado e cauteloso, avançou na terra até que a sua sombra, desenhada pelo luar, deixou de ser vista.

Elvis e Agnetta



Todos os acontecimentos aqui descritos se passaram há muitíssimos anos, mas tudo podia ter acontecido nos dias de hoje, pois Elvis e Agnetta continuam a existir, embora com outros corpos, outros rostos, outras roupas, outros hábitos.

Os dias e as noites sucedem-se sempre iguais; as tão esperadas primaveras surgem sempre com os mesmos sinais – os dias a crescer um pouco, as folhas a aparecer nas bétulas, nas faias e nos pinheiros, flores espontâneas na terra, e os pássaros que nascem e renascem e abundam, são milhares, milhões, milhares de milhões. Muitos sobrevivem e muitos mais morrem logo que nascem. Não chegam a conhecer nada de nada. E depois vem o verão e o ar está muito mais quente; a lua cheia, quando ilumina num charco de claridade a superfície celeste, é mesmo uma enorme lua cheia.

Elvis gosta muito da lua cheia e costuma dizer a quem o quiser ouvir: «Por detrás deste branco branco, existe o negro negro que nós nunca conheceremos.»

Quando ele diz isto, refere-se à claridade do luar.

O tom da sua voz, o som da sua garganta eleva-se tal como a lua cheia, por cima de todos os montes e de todos os vales, e sobe, sobe muito alto nessas azuis e frias noites que os homens e os lobos veneram e respeitam. São as breves noites do Norte.

Aqui, em Kiruna, a cidade branca onde Elvis nasceu, o dia é um incrível dia, é sempre dia, o Sol não chega a esconder-se. Nem sequer há um bom horizonte onde o Sol se possa pôr. É por isso que a vida por aqui é diferente e difícil; é por isso que por aqui não há horas certas para nada, o que também não faz mal nenhum. Quantas vezes, por volta das duas da manhã – o lago dourado, tiras de nuvens douradas que emolduram o lago –, vemos Elvis na margem do lago içando a cana de pesca que vem pesada com uma bela truta na ponta do fio, e Elvis de pé espreitando o lume na grelha improvisada feita com gravetos, palhas e algumas pedras porosas do fundo do lago, e Elvis assando a sua truta e preparando o seu jantar sem pressa para dormir. Tanto faz dormir às quatro da tarde como às duas da manhã. É sempre dia aqui em Kiruna e o verão é belo, remediadamente quente, há que aproveitar porque em breve aparecerá o outono com a sua moldura de neblinas, as trutas que vão desaparecendo nos rios e um vento brando mas frio que começa a soprar pelo chão rente às bases das casinhas da aldeia e sobe pelas suas paredes até atingir os telhados de colmo e ervas que, de tão frágeis, se agitam. É nesta altura do ano, a preferida de Elvis,

que muitas vezes as auroras aparecem. São línguas de luzes de todas as cores que surgem como relâmpagos mas muito mais ligeiras do que os relâmpagos; são línguas de luzes que vêm sibilando e que varrem toda a terra de Kiruna; às vezes são verdes, às vezes são vermelhas, às vezes são roxas. Também as há azuladas. Raras são as amarelas.

Há por ali quem diga que quem avista uma aurora roxa terá muita, muita sorte e morrerá muito velho. Parece que é verdade.

E depois, o inverno. Nada mais digo porque o inverno do Norte não se deve descrever nem se deve desenhá-lo – não há palavras que cheguem.

Depois do regresso a Uppsala, regresso tão triste por um lado, mas tão bom e desejado por outro, Elvis e Agnetta tiveram duas filhas, Camila e Cássia.

A ventania do tempo fez com que as suas vidas rodopiassem num remoinho veloz, como acontece com toda a gente. As suas duas filhas cresceram, casaram-se com homens doutras províncias e foram morar para longe, de maneira que só se encontram uma ou duas vezes por ano, uma vez em junho, quando a terra está quente e o sol aquece e podem vestir os seus mais belos vestidos e saias coloridas, verdes, vermelhas, azuis, debruadas na bainha com grandes faixas de um amarelo intenso, e outra vez nas vésperas do Natal, porque gostam muito não só de comer a suculenta carne de rena assada com rebentinhos tenros de certos legumes que Agnetta cozinha na perfeição – e não

há no mundo inteiro, no pequeno mundo conhecido, ninguém que cozinhe tão bem a carne de rena como as mãos carinhosas de Agnetta –, como gostam muito de todos os hábitos dessa época do ano, por exemplo, acender pedaços de gordura e sair para o espaço nevado, fora de casa, e cantar hinos e cânticos às estrelas e ao universo celestial caminhando pelos campos fora no ar puro e gelado das noites limpas do mês de dezembro.

Às vezes, já muito tarde na noite, está toda a família reunida debaixo do manto dos astros tão perto, sentados numa pedra limpa e seca, a Lua a brilhar, o frio a cair e de repente um sopro, uma lufada de cores, um manto verde que se estende em espirais, que passa a vermelho e a roxo, chicoteando mesmo rente às suas cabeças, e eles estendem os braços em direção ao céu como que para tocar, como que para afagar aquela grande luz tão intensa que lhes traz esperança e boa sorte.

Nós não queremos nada mais desta vida senão sorte, renas, uma casita com telhado de colmo, uma boa lareira e algumas doces bagas para podermos comer no verão.

O jovem senhor Elvis decidiu empreender esta longuíssima viagem movido por um único desejo: não morrer sem ver o lançamento e o batismo do grande, belo e nunca visto navio *Vasa* e, como era tecelão e alfaiate, passou todo esse ano muito entretido a desenhar

com suco de raiz de sabugueiro os moldes e a fazer roupas e fatos e mantas e tudo o que fosse de abrigo para vender a quem quisesse comprar. Aliás, esta não era a sua primeira grande viagem. Há bastante tempo já, quando pensou em mudar de vida e procurar mulher para se casar, decidiu começar a descer da sua cidade branca, Kiruna, mais para sul na direção de Uppsala. Constava que em Uppsala havia raparigas muitíssimo bonitas e de modos muito diferentes daquelas que conhecera até então. Até porque já se estava muito perto de Estocolmo e essa sim, era uma grande cidade e das grandes cidades só se podem esperar boas coisas, novidades, gente diferente, outros hábitos, outras vidas.

E, de facto, foi o que aconteceu. Elvis viajou muito a pé sempre em direção a sul, e a sua vida, aparentemente, foi correndo como ele esperava.

Muito tempo foi passando.

Agora,

Lá em Uppsala,

Toda a gente o conhece.

A cidade não é grande e tecelões e alfaiates, agora, só há um, ele. Teve azar em ter duas filhas e nunca ter tido a sorte de ter um filho homem.

Quem será o próximo tecelão da sua família e da sua cidade?

A sua mulher, Agnetta, sempre o ajudou nos intervalos das suas rotinas; é que é ela quem acende as lareiras da cozinha logo de manhã, é ela quem cozinha, quem trata das meninas, quem dá de comer aos animais. Nas madrugadas azuis muito frias do outono

e do inverno, levanta-se todos os dias da cama quentinha, arredonda um xaile sobre os ombros e sai para o quintal onde, ao fundo, estão as capoeiras cheias de ovos e de aves e de neve acumulada nas coberturas de colmo.

E ela faz tudo ou quase tudo; limpa a neve, aquece a casa, põe o salmão a fumar, coze diariamente batatas na panela de ferro, despeja e lava e limpa com cinza essa panela de ferro que é muito, muito pesada, vai à lenha, tem vinte e cinco anos, traz a lenha às costas, varre a casinha, derrete a cera para as velas e para o sabão com que se lavam, amassa a farinha, faz o pão, ajeita a fresca carne de rena de modo que esta fique em camadas salgadas para durar todo o inverno, tem vinte e seis anos, tem vinte e sete anos, o tempo vai andando, caminhando por cima de tudo e de toda a gente, umas vezes o tempo caminha, outras vezes o tempo dança, outras vezes o tempo cansa, outras vezes o tempo pisa, calca, amolga; tem cinquenta anos e saudades das suas duas filhas quando eram pequeninas e quando ali estavam à sua volta e ainda nem sabiam falar e o seu outro gato também sem nome faz-lhe lembrar as miadelas das miúdas, que também ainda não sabiam falar mas miavam muito e brincavam, brincavam, brincavam por ali.

Tudo passou.

E Elvis, que ia desenhando e rabiscando com a raiz de sabugueiro os cortes para as roupas dos seus clientes, que todos os dias cortava e cosia e alindava as roupas dos seus clientes e era mesmo só isto que fazia

além de ser o marido, o jovem chefe de família – e a sua família, nessa altura, era apenas Agnetta –, pensou que a largada do *Vasa* era um bom motivo para viajarem, para saírem da monotonia, para fugirem um pouco, só os dois. Sim, senhor! Iriam ver a saída do *Vasa*, iriam até Estocolmo e nem sequer era assim tão longe. O tempo estava bom, o frio já não se fazia sentir, pelo menos até ao próximo mês de setembro, e o *Vasa*, o *Vasa* iria ser largado em agosto.

«E o gato?», perguntou Agnetta, um tanto angustiada.

«O gato vai connosco num cestinho.»